



Faculdades Adamantinenses Integradas (FAI)

[www.fai.com.br](http://www.fai.com.br)

SILVA, Paulo Sérgio da. Quantificação dos discursos dos candidatos à Presidência da República na eleição brasileira de 2002. *Omnia Humanas*, v.3, n.2, p. 7-17, 2010.

*Quantificação dos discursos dos candidatos à Presidência da República na eleição brasileira de 2002*

**Quantification of the speeches of the candidates for the Presidency of the Republic in the 2002 Brazilian election**

**Paulo Sérgio da Silva**  
Doutor em Ciência Política/USP  
Professor da FAI

**Resumo**

O presente artigo tem como objetivo investigar, na cobertura eleitoral presidencial do Jornal Nacional em 2002, a distribuição do espaço dado para os políticos e como foram os enquadramentos dados a eles nas declarações, considerados pelos políticos tão importantes para a escolha do voto do eleitor.

**Palavras-chave:** Eleição. Televisão. Jornal Nacional.

**Abstract**

This article investigate the coverage of the presidential election the National Journal in 2002, the frames and soundbites the candidates for presidency of the republic Brazil in 2002 and important for the choice of the voter's choice.

**Key-words:** Election. Television. Jornal Nacional

## 1. Introdução

Os estudos sobre o Jornal Nacional, noticiário de maior audiência no país, têm convergido na tese de que sua cobertura é parcial e governista, tanto em épocas eleitorais como fora dela (Carvalho, 1980, Lins da Silva, 1985; Lima, 1988; 1990; 2001; Fabrício, 1997; Miguel, 1999; Lima e Guazina, 1999; Porto, 1999). Vários episódios, como a cobertura da eleição para governador do Rio de Janeiro em 1982, das greves de Paulínia e do ABC em 1983, da campanha pelas “Diretas Já”, do impeachment de Collor, das eleições presidenciais de 1989, de 1994 e de 1998, são apontados como exemplos em que o telejornal haveria favorecido o governo federal e os candidatos da situação, em detrimento, no caso de cobertura eleitoral, dos candidatos de oposição, seja porque deu tempo desproporcional aos candidatos ou porque enquadrava positivamente o político da situação e negativamente o da oposição.

Em primeiro lugar faço uma breve discussão acerca do significado das declarações dos candidatos nos telejornais em épocas eleitorais. Na segunda seção detalho os procedimentos do trabalho. Na terceira parte exponho os dados da pesquisa, ou seja, o tempo das declarações dos candidatos na cobertura do telejornal e os enquadramentos das declarações.

Nas considerações finais, chamo a atenção para o fato dos enquadramentos dados nas declarações pelo Jornal Nacional ter se demonstrado como um importante instrumento de campanha aos políticos na disputa pelo voto.

## 2. As declarações

As declarações dos candidatos ou como é conhecido nos Estados Unidos, *sound bites*, é caracterizado como cada segmento de discurso das fontes das matérias. Ou seja, as declarações são as fontes que são ouvidas e aparecem discursando em matérias, seja respondendo alguma pergunta de jornalista ou falando espontaneamente num determinado evento (Hallin, 1992).

Os segmentos de discursos que vão ao ar e os enquadramentos dominantes das declarações não dependem somente dos candidatos, afinal é a mídia que seleciona, através da edição das falas 3 que, por exemplo, os jornalistas fazem perguntas sobre as quais os candidatos não querem responder, nesse caso os políticos acabam arranjando um jeito de colocar algumas características que deseja no discurso. O fato é que as declarações são um processo de interação entre os jornalistas e políticos, que é dinâmico e que contribui para a construção da campanha eleitoral.

Mas o que interessa neste trabalho não é saber se o assunto sobre qual o candidato foi perguntado partiu da mídia ou do desejo do candidato, pois este é um processo complicado e de difícil observação empírica, mas agrupar estes enquadramentos dominantes que foram divulgados nas matérias da cobertura para uma posterior verificação de como este espaço tem servido para os candidatos buscar persuadir os eleitores, e se estes enquadramentos podem ser classificados como positivos ou negativos para os políticos. Assim, quando estiver analisando os dados e disser que o candidato “x” ocupou suas declarações para dizer “z”, estarei sempre levando em conta que o que foi ao ar não dependeu exclusivamente do político, mas também dos jornalistas que editaram as falas.

## 3. Metodologia

As declarações dos candidatos, que é a unidade de análise deste artigo, foram extraídas do banco de dados da pesquisa que venho empreendendo sobre a cobertura de dois telejornais na eleição presidencial de 2002, o Jornal Nacional e o Jornal da Record.

Todas as declarações dos candidatos a presidente da República, Luis Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT), José Serra, do Partido da Social-Democracia Brasileira (PSDB), Anthony Garotinho, do Partido Socialista Brasileiro (PSB) e Ciro Gomes, do Partido Socialista Brasileiro (PSB), foram transcritas. Calculou-se também o tempo de cada declaração.

Utilizei o conceito de enquadramento para a observação do conteúdo das declarações. Segundo Porto (2002), o conceito de enquadramento é recente e encontra-se em estado embrionário. Adoto, neste estudo, dois conceitos de enquadramento, que acho que se interconectam. O primeiro é o de Entman (1993), de que o enquadramento (*frame*) é envolve a seleção e saliência. Nele seriam selecionados alguns aspectos da realidade percebidos e que mais são salientes no texto comunicativo. O *frame* define o problema, diagnostica as causas, faz julgamentos morais e sugere soluções.

Os enquadramentos predominantes das declarações foram classificados levando-se em conta as características discursivas adotadas pelos candidatos em suas falas:

- 1) enquadramentos de comentários de pesquisa (comentários positivos ou depreciação/ desdém das pesquisas);
- 2) de campanha (agradecimentos e balanço da campanha, ênfase em estratégias e rumo de campanha/ alianças e apoios políticos, crença na vitória e pedido de voto);
- 3) de postura do candidato perante os adversários (ataque, defesa, “postura acima da briga”, não só em relação aos outros candidatos concorrentes mas ao governo, instituições, lideranças, etc.);
- 4) de ênfase nas qualidades pessoais e profissionais (ênfase em características pessoais ou profissionais/ biografia administrativa);
- 5) de posicionamento perante os problemas do país (perante questões substantivas e outras questões); 6) de promessas de campanha; 7) de comparação entre os candidatos (quando um candidato se compara a outro, normalmente para reforçar a superioridade perante o adversário); 8) de manifestação de estados de sentimentos (quando o candidato demonstra indignação, irritação e/ou otimismo); de 9) apelos (quando o político apela para mudanças, para que o candidato adversário participe de debates); 10) de ênfase na administração em curso (quando o candidato salienta os pontos positivos da administração em andamento, normalmente isso ocorre quando é apoiado pelo governo ou o próprio político está concorrendo à reeleição); 11) de ameaça; e 12) de outros enquadramentos.

Aqueles que não se enquadraram na minha classificação foram agrupados na categoria outros

Os enquadramentos predominantes foram contados apenas uma vez em cada declaração, ou seja, aquele que mais dominou na fala do político.

### **Espaço das declarações na cobertura**

A cobertura total do Jornal Nacional no primeiro turno foi de 13 horas e 50 minutos. Como vemos na tabela abaixo, só em declarações dos candidatos o noticiário destinou 1 hora 25 minutos e 27 segundos, ou seja, mais de 10 %, aproximadamente, do tempo de toda a cobertura, o que não é pouca coisa.

Tabela 1

Tempo das declarações dos candidatos nas matérias da cobertura eleitoral do Jornal Nacional, 1º. turno da eleição presidencial de 2002 (1º. de julho a 5 de outubro)

Declarações dos candidatos	Tempo
Lula	21' 8"
Serra	22' 8"
Garotinho	20' 8"
Ciro	22' 3"
Total	1h 25' 27"

Nos dados da tabela 1 dá para perceber claramente que não houve privilégio dado pela cobertura do Jornal Nacional no primeiro turno da eleição a nenhum dos quatro candidatos. Pequenas diferenças de um ou dois minutos ocorreu simplesmente porque houve momentos em que o candidato não quis dar entrevistas ou não teve dia de campanha.

No segundo turno, quando a cobertura total teve 3 horas 28 minutos e 8 segundos, o tempo das declarações dos dois candidatos, Lula e Serra, ocupou 21 minutos e 4 segundos, isto é, o equivalente aproximadamente mais de 14% da cobertura.

Tabela 2

Tempo das declarações dos candidatos nas matérias da cobertura eleitoral do Jornal Nacional, 2º. turno da eleição presidencial de 2002 (7º. de julho a 26 de outubro)

Declarações dos candidatos	Tempo
Lula	10' 1"
Serra	11' 3"
Total	21' 4"

Novamente, no segundo turno, o Jornal Nacional não deu tratamento privilegiado a nenhum dos dois candidatos em disputa. A pequena diferença de Lula em relação a Serra, de um pouco mais de 1 minuto, deu-se, novamente, porque houve momentos em que o candidato não quis dar entrevistas ou não teve compromissos públicos.

#### 4. Lei eleitoral e o equilíbrio matemático

A lei eleitoral estabeleceu que nenhum candidato deveria ser excluído da cobertura, mas não garantiu, sob pena de multa, que todos os candidatos tivessem tempo proporcional. Coube, assim, aos telejornais, decidirem como iria, sem excluir nenhuma candidatura, organizar o tempo das matérias referentes a cada candidatura. A direção seguida, não só pelo Jornal Nacional, mas por todos os outros noticiários da emissora, foi a de que o tempo equitativo seria dado aos quatro candidatos que mais se destacassem nas pesquisas eleitorais, ou seja, Lula, Serra, Garotinho e Ciro.

Embora tenha havido esta preocupação com o equilíbrio da distribuição do tempo, dois fatores se destacaram como motivos de discussão da cobertura. O primeiro foi o caso em que o candidato a presidente da República, José Maria de Almeida, do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados (PSTU), entrou com um pedido junto ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) para ser incluído na série de

entrevistas com os candidatos, no Jornal Nacional. Em resposta, o então Ministro Fernando Neves, segundo o site do TSE, disse:

*“A lei eleitoral não assegura idêntico espaço para todos os candidatos na mídia, mas sim tempo proporcional à participação de cada um no cenário político e que cabia a imprensa noticiar o que acontece e é de interesse da sociedade, sendo perfeitamente admissível e coerente que se dedique maior espaço para os candidatos que disputam os primeiros lugares na preferência do eleitor. O respeito ao princípio da igualdade, segundo o ministro, consiste exatamente em tratar de modo desigual os desiguais.”*

O segundo caso, em que não houve reclamações por parte do político, como aconteceu no episódio do candidato a presidente Zé Maria, foi o fato do Jornal Nacional ter dado maior cobertura a Ciro Gomes, cerca de mais de 30 minutos a mais do que outras candidaturas. O noticiário alegaria, mais tarde, que as denúncias não faziam parte da cobertura eleitoral e que se subtraísse o tempo destinado a estas, o tempo de todas as quatro principais candidaturas seriam iguais, tanto o tempo total das matérias como o tempo total das declarações dos candidatos, que são falas de candidatos que acompanham as notícias. E realmente, se fizermos a subtração, o tempo é rigidamente igual entre as matérias fixadas para as candidaturas. No entanto, não se pode afirmar que as matérias de denúncias contra o candidato do PPS não possam ser classificadas como da cobertura eleitoral.

Em relação a esta questão da lei eleitoral e a distribuição dos tempos e espaço, estou convencido de que o Jornal Nacional foi objetivo perante a legislação, não permitindo que fosse excluído nenhum candidato da cobertura, bem com os políticos e sociedade que exigiam tempo equilibrado entre os principais políticos concorrentes. Eu acho que o equilíbrio matemático do tempo das matérias e das declarações garantiu, tanto para o candidato da situação, como para os da oposição, um espaço para que estes fizessem seus apelos aos eleitores, expusessem o que achavam, as propostas de governo. O argumento que valia para a eleição presidencial de 1989 que o candidato da oposição tinha menor espaço neste telejornal não é válido para a cobertura eleitoral de 2002, porque não houve monopólio do espaço por qualquer candidatura que seja. Isso foi muito importante para a busca da legitimidade do Jornal Nacional perante a sociedade e os políticos. O noticiário ocupou um papel fundamental na eleição como um ambiente televisivo jornalístico onde a campanha ganhou destaque nacional. Estou convencido de que isso tenha ocorrido mais em função da própria pressão dos políticos e da sociedade do que pela legislação, que por si só, não garantia o tempo proporcional às candidaturas.

## **6. Enquadramentos predominantes: 1º. turno da eleição**

### **6.1 “O inimigo número um do governo FHC”**

O candidato Anthony Garotinho ocupou a maior parte do seu tempo falando da campanha. Garotinho buscou passar a idéia de que a sua campanha era a mais independente. Com a venda de um “bônus” de 1 real, dinheiro que seria arrecadado, segundo ele, para fundo de sua campanha, que era a que tinha menos dinheiro. Tinha menos dinheiro porque era a única também que não permitia “vender a alma”, como dizia, para arrecadar fundos a qualquer preço e depois de eleito dever favores. Foram várias as vezes que o candidato disse aos jornalistas que a sua campanha era a campanha do “tostão” contra a do “milhão”, referindo-se principalmente às campanhas de Serra e de Lula.

Também usou o seu tempo para atacar duramente o governo de Fernando Henrique Cardoso, chegando até a chamá-lo de “caloteiro” e também como o responsável pelo desemprego e alta do dólar. O Jornal Nacional não permitiu que fosse ao ar os ataques aos adversários, como observei na cobertura do Jornal da Record, portanto os ataques ficaram mais no plano contra o Governo Federal. Mas mesmo assim, serviu

para Garotinho reforçar a sua imagem de único candidato de “esquerda” e que mais era contra o governo vigente.

Muitas vezes o candidato respondia apenas a perguntas sobre os problemas brasileiros, violência, concentração de renda, mas o assunto que mais ficou em pauta nas perguntas dos jornalistas foi sobre o Acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), sobre o que achavam, se concordavam ou discordavam. Garotinho, assim como os demais candidatos, respondia positivamente em relação ao acordo, manifestando a necessidade dele. Sendo assim, o candidato, assim também como os demais, que se diziam oposição e principalmente Garotinho como aquele que mais atacava a política do governo FHC, dizia sim ao acordo, quase que se contradizendo constantemente, ao dizer correntemente que era totalmente contra a política de governo de Fernando Henrique.

O candidato também utilizou o espaço que o Jornal Nacional concedeu para fazer promessas de campanha, quase sempre, sem dizer ao certo como iria fazer. Em relação às pesquisas eleitorais, embora o candidato tenha sido menos focalizado nisso, quando ele descia nas pesquisas fazia comentários positivos das pesquisas, que isso se tratava de um reconhecimento do trabalho que havia feito no Rio de Janeiro enquanto governador e um bom trabalho na campanha. No entanto, quando as pesquisas indicavam queda do candidato, ele atacava os institutos de pesquisas, dizia que tinha suas próprias pesquisas, e que ao contrário das que o jornalista relatava, ele estava crescendo. Para rebater as pesquisas que apontavam para a sua queda o candidato dizia: “eu nunca fui consultado pelos institutos, e você, eleitor, foi consultado?”.

Também se defendeu contra os “boatos” de que iria desistir da candidatura, de que só fazia campanha para os evangélicos e de que havia um “racha” dentro do PSB que não concordava com a candidatura dele e nem o rumo que a campanha tomava.

## **6.2 “O negociador”**

Uma característica bastante explorada pelo candidato foi a ênfase nas qualidades pessoais e profissionais não só dele, Lula, mas de seu grupo que iria governar. Pelo fato de Lula não ter diploma universitário e também por ter sido em eleições passadas associado como uma pessoa que não tem poder de negociar, o candidato transmitiu em suas declarações a imagem de estadista, negociador, e de que ele era o único capaz de chamar para conversar diversos setores da sociedade, bem como que o grupo que iria governar com ele era o mais capaz e preparado.

Lula foi o candidato disparado mais enquadrado de acordo com as questões que preocupavam o país. Assim, o candidato pôde explicar qual suas posições perante os problemas econômicos do país, como o Acordo com o FMI. Assim como o candidato Garotinho e Ciro Gomes, Lula manifestava apoio ao acordo.

Os enquadramentos também se fixaram nas promessas. Lula precisou explicar como iria tratar principalmente da economia.

Além de relatar sobre as estratégias de campanha, apoios recebidos, o candidato atacou constantemente o governo Fernando Henrique e não diretamente Serra. O candidato buscou associar o governo federal ao Serra.

## **6.3 “O candidato de uma cara só”**

O candidato Serra fez uma grande investida na sua campanha na geração de empregos. O candidato explorou bem essa imagem de quem vai criar empregos em suas declarações, prometendo uma política eficaz, mostrando de onde viriam os empregos.

O candidato também criticou os seus adversários, principalmente Ciro e Lula, este mais no final da campanha. Não há dúvidas de que Serra utilizou o seu tempo no Jornal Nacional para complementar sua ação de provocar a queda de Ciro Gomes nas pesquisas.

Também se posicionou perante os problemas do país, como educação, violência, o acordo com o FMI. Sobre o acordo o candidato disse inúmeras vezes que era a favor, afinal não traria custos adicionais. Serra também reforçou que era o candidato da mudança segura.

Outros dois traços marcantes nos enquadramentos de Serra foram a preocupação em se mostrar que era o candidato mais preparado, por ter já ocupado o cargo de Ministro da Saúde e ter “tirado do papel” os “genéricos”, que ele tinha cara de tímido, mas era uma cara só, se referindo a Ciro e Lula, e também procurou não se mostrar enquanto um candidato da situação, posto que a avaliação do governo Fernando Henrique Cardoso estava em baixa na época da campanha. Serra ainda buscou dizer aos jornalistas e aos eleitores que estava empenhado em sua campanha e que não era o candidato que desagregava, mas sim que agregava, pois dizia que estava recebendo muitos apoios de lideranças por todo o Brasil e que a sua candidatura tinha a maior aliança, por causa da presença de um partido tão importante, que ocupava tantas cadeiras no Congresso, PMDB.

#### **6.4 “O injustiçado”**

Ciro Gomes usou o seu tempo na cobertura do Jornal Nacional para se defender das denúncias que cobriam os noticiários e os jornais de todo o país, que segundo o candidato fazia parte de um suposto “esquema” que Serra e o Governo haveria armado para ele, contra os institutos de pesquisas, contra o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), contra a mídia que deturpava o que dizia, por tudo isso era o mais injustiçado, porque, segundo o candidato havia sido o alvo principal da “elite” porque era o único candidato que não compactuava com os representantes da velha oligarquia que sempre mandou no país.

As denúncias aumentaram no mês de agosto, com as acusações contra o presidente do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), coordenador da campanha de Ciro Gomes, de ter adquirido um empréstimo de Paulo César Farias, ex-tesoureiro da campanha do ex-presidente da República Fernando Collor de Mello, e de ter sonegado impostos. Outra denúncia que despontou no mês de agosto foi contra o vice-candidato de Ciro Gomes, Paulo Pereira da Silva, acusado de ter usado dinheiro público do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT) na compra de uma fazenda superfaturada, na época em que era presidente da Força Sindical.

O candidato procurou passar a imagem de candidato mais honesto, de experiência profissional extensa, por ter sido o governador do Ceará que recebeu prêmios pela sua administração, por ter ajudado na elaboração do “Plano Real”. Demonstrou também sentimentos de indignação com os políticos corruptos, com o governo de FHC.

Também, como outros candidatos, manifestou suas posições perante os problemas no país, quase sempre colocando a culpa no governo de FHC.

### **Tabela 3**

Enquadramentos predominantes das declarações dos candidatos na cobertura

eleitoral do Jornal Nacional no primeiro turno da eleição presidencial de 2002  
(1º. de julho a 5 de outubro)

<b>Enquadramentos</b>	<b>Garotinho</b>	<b>Lula</b>	<b>Serra</b>	<b>Ciro</b>
Comentários de pesquisa	4	1	2	4
Campanha	22	11	13	10
Postura perante os adversários	16	10	5	14
Ênfase em qualidades pessoais e profissionais	2	7	7	8
Posicionamento perante problemas do país	16	26	24	24
Promessas de campanha	16	15	25	14
Manifestação de sentimentos	2	0	0	7
Comparação entre Os candidatos	0	1	0	0
Apelos	0	0	2	1
Outros	5	7	4	6
Total (n declarações)	83	78	82	88

## 7. Enquadramentos predominantes: 2º. turno da eleição

### 7.1 “O negociador, parte 2”

Lula manteve, no segundo turno, a imagem de grande estadista, negociador, aquele que iria trazer para a mesa de negociação vários representantes de diversos grupos da sociedade. Mostrou que era o candidato mais preparado, que já tinha andado por todo o país e visto de perto os problemas de país. Enfatizou ainda que seu grupo era competente, porque tinha gente qualificada tecnicamente, todos bem conceituados, para junto com ele governar. Esta estratégia, de passar ao eleitor a idéia do grupo de técnicos que iria governar com Lula, foi muito ressaltado no Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral do candidato.

O candidato petista deu muitas declarações sobre as estratégias de campanha, sobre os apoios, principalmente dos candidatos derrotados Garotinho, foram constantes. Não há dúvidas de que o candidato conseguiu, falando sobre as estratégias de campanha, fugir de outras questões, colocadas por Serra.

### 7.2 “O debatedor”

Serra buscou, a todo custo, chamar Lula, que estava liderando as pesquisas de intenção de voto com uma ampla margem de vantagem, para o debate. Dizia que Lula fugia das questões importantes do país e que tinha duas caras ou dois discursos contraditórios, um para os empresários e ou outro para os mais humildes.

O candidato ainda ameaçou que o país poderia virar uma Argentina, país que passava naquela época por uma grave crise econômica, porque entendia que Lula não estava preparado para governar o país.

Tabela 4

Enquadramentos predominantes das declarações dos candidatos na cobertura eleitoral do Jornal Nacional no segundo turno da eleição presidencial de 2002  
7º. de julho a 26 de outubro

<b>Enquadramentos</b>	<b>Lula</b>	<b>Serra</b>
Campanha	11	7

Postura do candidato perante os adversários	1	1
Ênfase em qualidades pessoais e profissionais	8	4
Posicionamento perante problemas do país	3	3
Promessas de campanha	2	3
Apelos	0	4
Ênfase na administração em curso	0	1
Ameaça	0	2
Outros	2	2
Total	27	27

## 8. Considerações finais

As observações do artigo me permitem afirmar que pelo menos na cobertura em 2002 as teses de que o Jornal Nacional realiza uma cobertura eleitoral beneficiando a candidatura governista não se aplicam, pois o noticiário deu o mesmo espaço para os candidatos, servindo aos políticos, de maneira equitativa, como um canal de comunicação com o eleitor.

Os enquadramentos das declarações podem ser considerados mais positivos do que negativos para os candidatos e seria até possível arriscar um palpite, passível de comprovação empírica posterior, de que os enquadramentos, na maioria das vezes, foram desejados pelos políticos.

## 9. Referências

ALBUQUERQUE, Afonso de. (1998). "Manipulação Editorial e Produção da Notícia: Dois Paradigmas da Análise da Cobertura Jornalística da Política", In *Produção e Recepção dos Sentidos Midiáticos*, Rubim, Antônio Albino C.; Bentz, Ione Maria G.; Pinto, Milton José (orgs.), 2a. edição, Petrópolis, Editora Vozes, P. 9 - 27 .

ALBUQUERQUE, Afonso (1994). *A Campanha Presidencial no Jornal Nacional: observações preliminares*. *Comunicação & Política*, NS. Vol. 1, n.1, pp 23-40.

CHAIA, Vera. (2002). "O Telejornalismo Local das Eleições Municipais de São Paulo", ABCP, Rio de Janeiro, 2002.

ENTMAN, Robert (1993). "Framing: Toward Clarification of a Fractured Paradigm". *The Journal of Communication*, vol. 43, n. 4, Autumn, 1993.

FABRÍCIO, G. B. (1997). "O Jornal Nacional da Rede Globo e a Construção do Cenário de Representação da Política". (1/10/93 a 1/10/95). Tese de Mestrado em Ciência Política, Universidade de Brasília.

HALLIN, Daniel C. "Sound Bite News: Television Coverage of Elections, 1968 – 1988", in *Journal of Communication*, Spring 1992/ vol. 42 no. 2, p. 5-24.

LIMA, Venício & GUAZINA, L. (1998). "Política Eleitoral na TV: um estudo comparado do Jornal Nacional e do Jornal da Record em 1998". Relatório Preliminar: ma-jun/98, apresentação na ANPOCS,

outubro de 1998.

LIMA, Venício (1990). "Televisão e Política: hipótese sobre a eleição presidencial de 1989". *Comunicação & Política*, Ano 9, n.11, abril-junho; pp.29-54.

LINS DA SILVA, C. E. (1985). *Muito Além do Jardim Botânico*. São Paulo, Summus.

PORTO, Mauro P. (1994). "Telenovelas e Política: O CR-P da eleição presidencial de 1994", *Revista Comunicação & Política*, Ano I, no. 3, abril-julho 1995.

PORTO, Mauro P. (1997). "New Political Strategies in Brazilian Television? Globo's *Jornal Nacional* in a comparative perspective. Trabalho apresentado no Congresso da LASA-Latin American Studies Association, Guadalajara, México.

PORTO, Mauro P. (2002). *Media Framing and Citizen Competence: Television and Audiences Interpretations of Politics in Brazil*. Tese de doutorado.

PORTO. A mídia brasileira e a eleição presidencial de 2000 nos EUA: a cobertura do jornal *Folha de S. Paulo*. *As Relações entre Mídia e Política. Cadernos do CEAM - Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares*. Brasília; NEMP - Núcleo de Estudos sobre Mídia e Política, UnB, ano II, n. 6, 2001.

SILVA, Paulo Sérgio da (2003). "A Cobertura do *Jornal Nacional* no Primeiro Turno da Eleição Presidencial de 2002: Dados Preliminares sobre as Questões da Objetividade, Enquadramentos e Agenda de Campanha", texto apresentado no Workshop "Partidos e Representação Política", Departamento de Ciência Política da Universidade de São Paulo, 21 de agosto de 2003.